

Vencendo traumas: o socioemocional nas aulas de Língua Portuguesa

ARAÚJO, Cássia Neles da Silva¹
SOUZA, Lygia de Lima²

Resumo

Apresenta-se aqui resultados parciais do projeto “Vencendo traumas: o socioemocional nas aulas de Língua Portuguesa”, desenvolvido na Escola Municipal Vicente de Mendonça Júnior, com alunos do sétimo ano do Ensino Fundamental. Em consonância com a proposta de olhar o aluno como um ser integral, para além dos aspectos cognitivos, o trabalho teve como objetivo proporcionar, por meio de atividades, a viabilização de mudanças significativas na dinâmica em sala de aula, especialmente nos tempos de Língua Portuguesa, no que se refere a habilidades de aptidão pessoal como autoconsciência, autocontrole, consciência social e habilidade de gerenciar relacionamentos, elementos constituintes da Inteligência Emocional. O trabalho originou-se no início do ano letivo, ganhando dimensão com a Formação Continuada ofertada pela Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério. Os resultados apresentam uma nova postura dos alunos, uma vez que se tornaram mais atenciosos e interessados, passaram a apresentar rendimento e comportamento melhores.

Palavras-chave: Competências Socioemocionais; Língua Portuguesa; Formação Continuada.

Introdução

Este artigo apresenta a descrição e o resultado parcial do projeto “*Vencendo traumas: como trabalhar o socioemocional nas aulas de Língua Portuguesa*”, desenvolvido na Escola Municipal Vicente Mendonça Júnior, especialmente em turmas de sétimos e nonos anos do ensino fundamental.

A ideia de trabalhar com essa temática surgiu ao longo do primeiro semestre de 2019, sendo intensificada durante as formações ofertadas na Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério-DDPM, em especial no segundo módulo, voltado ao trabalho com as habilidades socioemocionais nas aulas de Língua Portuguesa e nas reuniões de desdobramento³ das formações da DDPM.

¹ Pós-graduanda em Docência em Teologia na Unyleya. Professora de Língua Portuguesa na Escola Municipal Vicente Mendonça Júnior/SEMED/Manaus.

² Mestre em Letras – Estudo da Linguagem pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Especialista em Língua Portuguesa e Ensino (UNINORTE). Graduação em Letras Língua Portuguesa (UNINORTE). Pós-graduanda em Neuropsicopedagogia (UNINTER). Formadora de Língua Portuguesa na Divisão de Desenvolvimento Profissional/SEMED/Manaus.

³ O desdobramento mencionado neste artigo refere-se a uma extensão das formações ocorridas na Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da Secretaria Municipal de Educação de Manaus, como parte integrante do projeto de formação da Rede Colaborativa de Formação Continuada (Ensino Fundamental – anos finais).

A infância, a adolescência e a transição da primeira para a segunda são períodos confusos e difíceis da vida. Daniel Chabot e Michael Chabot (2005) em “Pedagogia Emocional. Sentir para aprender. Como incorporar a Inteligência Emocional às suas estratégias de ensino” relembram que todos aqueles que se ocupam em educar os jovens devem enfrentar o desafio de estimulá-los a se interessarem por aquilo que está sendo ensinado. Enfatizam também que os alunos são capazes de passar de um estado letárgico a outro de atenção absoluta quando algo excitante os provoca, assim como rapidamente, ao estado de completa indiferença. Nesse sentido, a instituição educacional não pode se portar apenas como transmissora do “saber”, mas também mediadora do autoconhecimento do educando e influenciadora no que tange ao seu futuro, afinal o aprender envolve não só os aspectos cognitivos, mas também os emocionais.

Destacando a necessidade desse olhar para a formação integral do sujeito, a Base Nacional Comum Curricular traz em seu texto introdutório um caminho para uma educação de qualidade, reconhecendo que

[...] a Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva (BNCC, 2017, p.14).

Com a BNCC, aspectos da educação socioemocional ganham mais espaço no currículo, deixando de ser um diferencial na prática pedagógica, tornando-se essencial no ensino básico. Conforme o documento, os estudantes precisam ser capazes de desenvolver uma série de habilidade, tais como:

Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas e com a pressão do grupo. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de origem, etnia, gênero, orientação sexual, idade, habilidade/necessidade, convicção religiosa ou de qualquer outra natureza, reconhecendo-se como parte de uma coletividade com a qual deve se comprometer (BRASIL, 2017).

Em Aprendizagem Socioemocional na Escola (2014), os autores afirmam que todos possuem habilidades socioemocionais que podem ser trabalhadas. Destacam que “quando o jovem se torna capaz de ‘driblar’ emoções negativas para pensar em soluções para seus problemas, ele passa a tomar decisões mais assertivas, criativas e responsáveis [...]” (ESTANISLAU (org.), 2014, p. 54).

Ainda segundo os autores, professores e pais são estimuladores das competências para a aprendizagem socioemocional desses pequenos, quando os influenciam empaticamente no modo de pensar, sentir e agir.

Refletindo sobre o tema

O termo competência socioemocional tem sido destacado na literatura por estar relacionado com a qualidade do desenvolvimento e adaptação social e emocional de crianças e adolescentes ao longo da vida.

Na perspectiva educacional, em que o universo digital toma conta, as informações são processadas em segundos e a cada momento precisamos fazer escolhas assertivas em prol de si e do outro, não há como preparar crianças e jovens para enfrentar os desafios do século XXI sem investir no desenvolvimento de habilidades para selecionar e processar informações, tomar decisões, trabalhar em equipe, resolver problemas e lidar com as emoções.

A BNCC, por meio das dez competências, indica que as escolas não promovam apenas o desenvolvimento intelectual, mas também o social, o físico, o emocional e o cultural, na perspectiva de uma educação integral. Cada uma das competências gerais integra aspectos cognitivos e socioemocionais, tais como: criatividade, comunicação, pensamento crítico e científico, empatia e autoconhecimento, porém, destacamos quatro competências como as que mais evidenciam habilidades socioemocionais.

Quadro 1 - Competências e habilidades socioemocionais

COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS (BNCC)	HABILIDADES
Comunicação	<ul style="list-style-type: none">• Expressar e partilhar experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos.
Autoconhecimento e autocuidado	<ul style="list-style-type: none">• Conhecer-se;• Apreciar-se;• Ter consciência crítica (autocrítica);• Cuidar de si (saúde física e emocional);

	<ul style="list-style-type: none">• Lidar com as suas emoções e com as dos outros.
Empatia e cooperação	<ul style="list-style-type: none">• Ser empático;• Resolver conflitos;• Resolver problemas;• Ser cooperativo;• Fazer-se respeitar e promover o respeito ao outro;• Inovar;• Estar aberto ao novo.
Responsabilidade e cidadania	<ul style="list-style-type: none">• Ser resiliente;• Ser responsável;• Ter senso de justiça;• Tomar decisões éticas;• Ser autônomo.

Fonte: elaborado pelas autoras com base na BNCC (2018)

Para melhor compreender o conceito de competência socioemocional faz-se necessário entender o conceito de inteligência emocional, a qual é definida por Goleman (2011) como a “capacidade de identificar os nossos próprios sentimentos e os dos outros, de nos motivarmos e de gerir bem as emoções dentro de nós e nos nossos relacionamentos”.

Goleman (2011) apresenta os cinco domínios propostos por Salovey e John Mayer que compõem a inteligência emocional. São eles: conhecer as próprias emoções, lidar com as emoções, motivar-se, reconhecer emoções nos outros e lidar com relacionamentos. Todos os domínios estão intimamente ligados às competências cinco, oito, nove e dez da BNCC.

Marcos Giesteira (2015) ressalta que pesquisas recentes apontam para a necessidade de conhecimentos que vão além do letramento, numeramento e conteúdos disciplinares para a formação de crianças e jovens. É necessário desenvolver um conjunto de capacidades para aprender, conviver e trabalhar em um mundo complexo.

Marin *et al.* (2017) salientam que “a competência socioemocional pode ser entendida como resultado da soma entre desempenho socioemocional e todas as habilidades intrínsecas a ele para agir de forma funcional e adaptada a determinada cultura e contexto.” Tais habilidades são entendidas como componentes da dimensão da inteligência emocional, compreendendo as inteligências intra e interpessoal.

Após o reconhecimento de que características ligadas ao comportamento e gerenciamento das emoções podem impactar positivamente no aprendizado dos alunos e tem forte influência na vida como um todo, a discussão em torno das competências socioemocionais tem ganhado foco, sendo assim, nossa caminhada privilegiou momentos de interação, aprendizagem e autoconhecimento.

Nossa caminhada

Em consonância com a proposta de olhar o aluno como um ser integral, para além dos aspectos cognitivos, o trabalho teve como objetivo proporcionar, por meio de atividades, a viabilização de mudanças significativas na dinâmica em sala de aula, especialmente nos tempos de língua portuguesa, no que se refere a habilidades de aptidão pessoal como autoconsciência, autocontrole, consciência social e habilidade de gerenciar relacionamentos, elementos constituintes da Inteligência Emocional.

Dentre as questões que nortearam o trabalho, destacamos: a) Como contribuir para aprendizagem dos alunos que apresentam traumas oriundos das relações interpessoais?; b) Como transformar os momentos de procura aos professores para desabafo em atividades pedagógicas que contribuam para o processo de aprendizagem?; c) Quais atividades com aspectos socioemocionais podem ser aplicadas envolvendo as quatro habilidades linguísticas: ler, ouvir, escutar e escrever?, d) De que forma é possível colaborar para que os alunos superem as dificuldades do passado e vislumbrem o futuro (sonhos)?

Neste artigo, optamos em apresentar o desdobramento e resultados de uma das seis turmas do 7º ano, no caso, a que apresentou no início do ano letivo de 2019 os menores índices no rendimento escolar e na Avaliação de Desempenho (ADE).

Cabe ressaltar que tendo em vista o número de relatos acerca de abuso sexual entre os alunos, o projeto teve o foco inicial de envolver os alunos em temáticas voltadas a questões de abuso sexual, suicídio e depressão. Para isso, aplicou-se um questionário com intuito de conhecer melhor o aluno e conhecer a variedade de tribulações vivenciadas por eles. Nos preocupamos ainda em saber o que os deixava felizes ou que tinha sentido em seu universo, tais como: esporte, amizades, família, namoro, dentre outros.

Em vez de situações traumáticas advindas de abuso sexual, constatou-se a pouca perspectiva de futuro deles, pois parte dos alunos demonstraram não ter sonhos e aparentemente nunca foram instigados a vislumbrarem o sucesso no futuro. A partir desse diagnóstico, delineamos atividades com foco nas relações intrapessoais e interpessoais. As aulas tornaram-se palco não apenas para conhecimentos cognitivos específicos da língua materna, uma vez que selecionamos atividades com aspectos socioemocionais que poderiam ser aplicadas envolvendo as quatro habilidades

linguísticas: ler, ouvir, escutar e escrever. Concordamos com Tacla *et al* (2014, p. 57) ao afirmarem que “sendo criativo, o educador pode utilizar-se de redações, livros, filmes ou experiências cotidianas para introduzir princípios de ASE⁴.”

As atividades, distribuídas em rotineiras e pontuais, foram realizadas no período setembro e outubro de 2019. O quadro a seguir apresenta as principais atividades desenvolvidas, indicando a sua periodicidade.

Quadro 2 – Atividades desenvolvidas

Atividades	Periodicidade	
	Rotineira	Pontual
Abraço	x	
Elogio	x	
Filme: Escrevendo uma nova vida		x
Frases de reflexivas	x	
Leitura do livro: “O segredo do meu melhor amigo”		x
Motivos de gratidão	x	
Palestra “Vencendo Traumas		x
Palestra: Eu comigo, eu com o outro, eu com o mundo		x
Relato Pessoal		x
Roda de conversa		x

Fonte: elaborado pelas as autoras

As atividades rotineiras tinham como propósito a experiência de certas atitudes, bem como a criação de hábitos. As denominadas como pontuais não ocorriam frequentemente, necessitavam de um planejamento mais detalhado e maior tempo para execução.

O marco inicial das atividades se deu a partir da palestra “Vencendo traumas”, a qual abordava a temática de traumas advindos das relações familiares e escolares. No decorrer do processo, percebemos que os alunos apresentavam dificuldades em explorar seus universos traumáticos, objeção em resolver problemas internos e possíveis conflitos advindos de um passado dolorido, além dos resultados insatisfatórios no desempenho escolar. A partir desse diagnóstico, o intuito da abordagem foi proporcionar momentos reflexivos, envolvendo escuta de experiências pessoais e conversas sobre situações de impacto comuns a boa parte dos alunos.

⁴ Aprendizagem Socioemocional

Com objetivo de trabalhar a escrita do aluno e conhecer um pouco mais seu universo, foi solicitado aos alunos um relato pessoal. Essa atividade consistia em escrever livremente sobre seus sentimentos, desafios e fatos que os angustiavam em casa ou na escola.

O filme “Escrevendo uma nova vida” foi escolhido por ter relação com uma das questões que impulsionaram este projeto: De que forma é possível colaborar para que os alunos superem as dificuldades do passado e vislumbrem o futuro (sonhos)? O trabalho possibilitou um diálogo acerca da superação, do cuidado com o outro, amor ao próximo, o poder das palavras e a aceitação, pois o enredo traz a história de uma adolescente rebelde que sonha em ser uma estrela do rock, porém sua mãe não aprova, fato que a faz perder o foco dos estudos e da sua família. A discussão gerada enfatizou que apesar dos fatos e em meio às crises e inúmeros problemas, podemos contar com pessoas ao nosso lado, que nossos sonhos são alcançáveis e que podemos ser um ser humano melhor e ajudarmos o próximo.

Aspectos da leitura e da oralidade foram trabalhadas principalmente por meio do livro *O segredo do meu melhor amigo* de João Pedro Roriz⁵, disponibilizado na Plataforma Árvore de Livros⁶. O livro aborda questões traumáticas de ordem sexual, porém, de forma sutil, apresenta formas do comportamento humano condizentes com qualquer outro trauma. Um pré-adolescente, na narrativa, fala em terceira pessoa para se referir ao amigo, mas na verdade fala de si mesmo, dos seus próprios traumas. Tal fato mostra claramente o medo do ser humano em falar de suas fraquezas e de seus problemas pessoais, sendo a colocação em terceira pessoa, uma maneira menos dolorosa de se expressar. Por meio da interpretação oral, os alunos foram instigados a falar sobre suas dificuldades, a compartilhar seus medos e suas experiências.

O trabalho com as relações intrapessoais e interpessoais foi intensificado por meio da palestra “Eu comigo, eu com o outro, eu com o mundo”, trabalhando questões de autoconhecimento, gratidão, aceitação, comportamentos, motivação e estilos de comunicação.

As atividades rotineiras que fazem bem ao coração, como elogios, agradecimentos e abraços, foram selecionadas com o objetivo de gerar

⁵ RORIZ, João Pedro. **O segredo do meu melhor amigo**. Besouro Box, 2018.

⁶ Árvore de Livros é uma plataforma de leitura digital, utilizada em algumas escolas da Rede Municipal de Manaus. A parceria surgiu a partir do desejo da rede de ampliar o uso das novas tecnologias para o desenvolvimento de uma educação municipal de qualidade. Os livros e periódicos são disponibilizados nas escolas sem necessidade de internet, ou seja, não é necessário o download de nenhum arquivo. Por meio da rede local, com os computadores ou tablets das escolas, os alunos podem ler o material offline.

autoconhecimento, conhecimento do outro, promoção da empatia na turma e principalmente incentivo motivacional de vida. Elogiar passou a ser rotina, ao momento em que na maioria dos dias os alunos eram convidados a olhar para o seu colega e perceber características positivas e validá-lo⁷, com a finalidade de aflorar a liberdade de expressão das emoções e trabalhá-las na perspectiva de construção da visão “eu” e do “outro”.

Por meio da música “Valeu, amigo”, dos compositores Mc Pikeno e Menor foi possível abordar gratidão, amizade e fé. Durante a execução da música, foi notório o clima de harmonia entre os alunos ao ponto de surgirem abraços, atividade prevista no cronograma, mas que surgiu de forma espontânea entre parte dos alunos. A dinâmica consistiu em escolher colegas para abraçar e dar o maior número de abraços possível. A princípio, alguns alunos não queriam dar e nem receber abraços, possivelmente por não estarem acostumados a comunicar amor dessa maneira tão explícita ou talvez não estejam acostumados a demonstrar o amor dessa forma. Ressaltamos que o exercício consistia em dar um abraço respeitoso, assexuado e de entrega total a outra pessoa antes do início da aula. Ao chegar em sala de aula os alunos eram convidados a abraçar e elogiar o colega. Com o passar do tempo percebemos que já não era mais necessário pedir, pois os alunos já estavam habituados e eles mesmos já se preparavam para a dinâmica.

A Roda de Conversa desenvolveu-se de duas formas. A primeira, com a temática “Eu sou” foi realizada em grupo de três alunos, os quais conversavam sobre a percepção do seu “eu” e a percepção que tinham sobre os colegas. Cada aluno perguntava ao colega como ele o via, ouvia com atenção as informações e tinha a oportunidade de falar sobre si (Quem realmente eu sou). A conversa não foi estendida para o grupo maior, ficou limitada aos três alunos. A segunda, “Como lidar com as emoções: o perdão”, foi no grupo maior e teve como objetivo salientar a necessidade de gerenciamento das emoções, a necessidade de lidar com os traumas e não tomar para si os problemas, muito menos deixar o outro dominar suas emoções e principalmente a importância do perdão.

⁷ O exercício de validar tem ação direta na produção de serotonina e endorfina. A ideia é elogiar, resgatar o afeto, além de ser uma forma de reconhecimento.

Discussão e resultados

Evidenciou-se, após a aplicação das atividades que de fato grande demanda dos alunos ditos problemáticos (os que tem dificuldade de aprender, se comportam de maneira indisciplinada em sala de aula e aqueles que apresentam desinteresse) têm traumas oriundos das relações interpessoais.

Uma grande vantagem para o desenvolvimento do projeto foi o fato de Língua Portuguesa ter disponível cinco tempos semanais de aula, possibilitando a coleta e análise de material (questionário e relato) em tempo razoável para o planejamento e execução das atividades.

Os dados coletados também alertam sobre o problema da carência afetiva dos discentes. Compreendemos que as famílias desses alunos não dão assistência emocional devida, o que engloba falta da presença dos pais na rotina diária, educação doméstica feita por terceiros, tempo longo de ócio e falta de perspectivas de futuro.

Tecla *et al.* (2014) afirmam que o sucesso acadêmico deveria ser definido de forma mais ampla, para além das notas recebidas pelos alunos, porém, como as escolas têm sido cada vez mais pressionadas a provar seu desempenho por meio de números (Ideb, rankings, etc.), pesquisas que apontem a ASE ligada à melhoria no desempenho acadêmico dos alunos são cruciais, principalmente para que programas de cunho socioemocional sejam implementados nas escolas. Em linhas gerais, dentro da perspectiva que o socioemocional contribui na melhoria do desempenho, percebemos claramente a diferença do resultado da primeira, segunda e terceira ADE. Os alunos apresentavam o menor resultado na primeira avaliação, com percentual de 46,9%, enquanto na segunda o percentual foi de 73,4. Na terceira não houve crescimento em relação à segunda, mas ainda assim apresenta 19,4% de diferença de acertos em relação à primeira.

Para os alunos, o projeto foi de grande valia, pois perceberam que mesmo tendo vivido situações traumáticas são seres importantes no meio social e que calar não é a melhor escolha. Percebemos em seus discursos de agradecimentos o quanto foi importante essa abertura e o espaço para falar. Os alunos tiveram liberdade para procurar pessoalmente ou pelo telefone e relatar sua história. Enfatizamos que respeitamos o espaço e a vontade de cada um e que foram orientados a procurar alguém de confiança que pudessem compartilhar e tentar resolver a situação.

Destacamos que além dos alunos houve agradecimento por parte da família, na figura dos responsáveis legais de dois alunos, os quais haviam sofrido abuso sexual e a família não tinha conhecimento, embora já desconfiasse, pois apresentavam dificuldade de se expor, falar. Nas aulas de Língua Portuguesa foi possível perceber mais atenção, maior empenho nas atividades, melhor relacionamento entre os alunos e dos alunos com a professora.

Embora saibamos que práticas como essas devem ter constância e engajamento de toda a escola, que não podem ser trabalhadas de forma isolada e em momentos específicos, mas sim tornarem-se rotineiras, as nuances desse resultado nos mostram que estamos no caminho certo e que há necessidade de um olhar mais apurado as questões socioemocionais em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES

O projeto ampliou nossa visão do sujeito aluno, pois nos proporcionou um diálogo expressivo com eles. Ao sairmos da “caixinha” das aulas conteudistas, adentramos no universo das emoções deles e das nossas. Esse processo não se deu de forma distanciada, mas bem aproximada. Na verdade, foi perceptível a melhora que trouxemos às aulas ao passo que nós mesmas podemos ser transformadas nos conceitos.

De fato, “gente precisa de gente para ser gente”, como afirma o pastor Thiago Rodrigo (2015) em seu vídeo UBUNTU⁸. Ser professor não é apenas transmitir conhecimento, mas aprender à medida que ensina. Não se perde a “moral” e tampouco o respeito ao se permitir relacionar-se empaticamente com o aluno. Se ganha em qualidade das aulas, em afetividade e no desempenho escolar. Essas turmas apresentavam apatia durante as aulas, poucos tinham resultados acima da média. Durante a execução do projeto muitos nos procuraram para agradecer pelas atividades que estavam sendo desenvolvidas, ganhamos muitos abraços, mensagens de carinho. Mas, o melhor de tudo foi a mudança de atitude em sala de aula, afinal, tornaram-se mais atenciosos e interessados, passaram a apresentar rendimento melhor e comportamento adequado.

⁸ RODRIGO, Thiago. **Gente precisa de gente para ser gente**. 2015, Blog da Liderança. Disponível em: <http://www.blogdofabossi.com.br/2015/09/a-gente-precisa-de-gente-para-ser-gente-lideranca/>. Acesso: 23 de setembro de 2019.

É de fundamental importância a continuidade do projeto para que os jovens se sintam amparados e conseqüentemente se tornem agentes de prevenção e tratamento de problemas socioemocionais. A aplicabilidade nas demais turmas da escola é algo que almejamos, inclusive o divulgaremos com intuito de conseguir mais parceiros que se apaixonem pela arte de trabalhar com seu emocional e com o do outro. Uma parceria fundamental nesse processo é aproximação dos pais e responsáveis, uma vez que necessitam estar mais próximos da escola, se inteirar não somente dos aspectos relacionados ao rendimento, boletim e notas. Para isso, a expansão do projeto vislumbra momentos de interação na escola, rodas de conversas, palestras e outras atividades que engajem os pais a se aproximarem dos filhos, conhecer o seu universo e efetivamente fazer parte dele.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. Governo Federal. **Base Nacional Curricular Comum**. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/> Acesso em:14 de Setembro de 2019.

ESTANISLAU, Gustavo M. (org.). *Aprendizagem socioemocional na escola in Saúde Mental na Escola*. Artmed, 2014.

CHABOT, Daniel; CHABOT, Michel. **Pedagogia Emocional. Sentir para aprender. Como incorporar a Inteligência Emocional às suas estratégias de ensino**. Tradução: Diego Ambrosini e Juliana Montoia de Lima. Sá Editora. 2005.

GIESTEIRA, Marcos. Razão e sensibilidade. Afeto e cognição: o papel do emocional e do social na aprendizagem. **Revista Pátio**, nº 4. Editora: Pátio Educação. Edição: Ano XIX; nº 74. Publicado em 2015.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional** [recurso eletrônico]; tradução Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

MARIN, Angela Helena et al. Competência socioemocional: conceitos e instrumentos associados. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, São Leopoldo – RS. p. 92-103. 2017.